



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias [AT]

PARA QUANDO O REGRESSO DA MULTIDÃO ÀS CATEGORIAS PRIMORDIAIS DA SOCIOLOGIA?

Torres, Eduardo Cintra

Doutorado em Sociologia

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da FCH-UCP

eduardocintratorres@gmail.com

Resumo

Obras recentes (Borch, 2012, Drury e Stott, 2013, Torres, 2013) sugerem a necessidade da reapreciação da multidão como categoria sociológica. Apesar da sua persistência e inevitabilidade desde as primeiras sociedades, a multidão desapareceu da sociologia, diluída em conceitos como norma emergente, massas e audiências. Nas últimas décadas, a normalização democrática, os crescentes fenómenos de dissensão e visibilidade dos movimentos sociais reavivaram o interesse na multidão, mas o campo de pesquisa permaneceu na periferia da sociologia, sendo omissos em congressos, manuais e programas universitários. O entrosamento entre manifestações multitudinárias na política, religião, desporto, entretenimento e suas representações mediáticas, como as televisivas, aconselham a revisitação, renovação e plena reintegração na sociologia dum campo teórico necessário para o qual contribuíram Tocqueville, Tarde, Durkheim, Simmel, Freud, etc. Tentamos explicar o ocultamento da multidão na sociologia, em especial anglo-americana, e realçar quanto a teoria durkheimiana da multidão, oculta no conceito de “efervescência colectiva”, é ainda uma poderosa ferramenta de análise deste fenómeno perene na sua infinita repetição, capaz de reforçar crenças e laços sociais e de marcar e até alterar a ordem estabelecida. Num mundo mediatizado, globalizado e em interacção pelas redes sociais e media em geral, urge a atenção da sociologia a fenómenos multitudinários, como os do Egipto (2011) e do Brasil (2013).

Abstract

Recent works (Borch, 2012, Drury e Stott, 2013, Torres, 2013) suggest the necessity of a re-evaluation of the crowd as a sociological category. Despite its persistence and inevitability since the beginning of organised societies, the crowd has disappeared from sociology, diluted in concepts as emergent norm, masses and audiences. In the last decades, democratic normalisation, the growing phenomena of dissension and the visibility of social movements revived the interest in crowds, but the research field remained in the periphery of sociology, being absent in congresses, manuals and university syllabuses. The fitting in of crowd demonstrations in politics, religion, sports, entertainment and their media representations, advise the revisitation, renovation and full reintegration in sociology of a theoretical field to which Tocqueville, Tarde, Durkheim, Simmel, Freud and others contributed. I try to explain the concealment of crowd in sociology, namely the anglo-american sociology, to underline how the Durkheimian crowd theory, concealed in the concept of “collective effervescence”, still is a powerful analysis tool of this phenomenon, perennial in its infinite repetition, capable of reinforcing beliefs and social ties and of leaving a mark or even changing the established order. In a mediatized, globalised world, in interaction through social networks and the media in general, sociology should pay attention to crowd events as those in Egypt (2011) and Brazil (2013).

Palavras-chave: multidão; efervescência colectiva; movimentos sociais.

Keywords: crowd; collective effervescence; social movements.

Moscovici chamou a atenção para o lugar da multidão na origem das ciências sociais no final do século XIX e afirmou “sem reticências” que a psicologia das massas é uma das ciências do homem “cujas ideias fizeram história” (1981: 13). Quer ele dizer que, com a economia política, a psicologia multitudinária influenciou o devir histórico, enquanto ciências humanas como a sociologia e a antropologia seriam “ciências feitas pela história”. Descontado o exagero para ambos os lados, pode dizer-se que, pelo menos, o estudo pré-científico e científico da multidão no último quartel do século XIX marcou o início das ciências sociais. A esforçada demarcação levada a cabo por Durkheim para separar a sociologia da psicologia resultou em parte do êxito da literatura da multidão, que, na época teve em Sighele, Tarde e Le Bon os seus principais autores (Torres, in press).

Consequência da preocupação das elites — especialmente as francesas — com a presença da multidão nas ruas, a literatura que lhe foi dedicada ficou marcada pelo ar do tempo. A primeira fase da teorização da multidão em breve se esgotou, tematicamente e pela ausência de investigação empírica. As ruas acalmaram e a I Guerra Mundial desviou as “massas populares” para o seu extermínio. Durkheim inscreveu a multidão na sociologia, nas *Formas Elementares da Vida Religiosa*, sem todavia estabelecer a sua perspectiva em contraponto à “psicologização” do fenómeno multitudinário, o que, a meu ver, deixou passar despercebida a sua *démarche* (Torres, 2013, in press). Em qualquer caso, o nascimento da literatura teórica sobre a multidão, anterior a Durkheim, esteve marcada por “pecados originais”. Baseava-se em intuições, sem verificação empírica. Concentrava-se na multidão popular e nas suas implicações políticas, ignorando (à excepção do Tarde e do Sighele tardios) a maioria dos domínios da vida social em que a multidão estava e está presente, sendo a multidão era, assim, vista também como tema para a ciência política. Resultava de uma atitude intelectual de superioridade sobre as “massas”, enviesando o seu alcance teórico. Autores como Simmel e Weber, nas suas incursões pela reflexão sobre a multidão, também seguiram a teoria da “irracionalidade” lançada por Le Bon (Torres, 2013). Le Bon é, digamos assim, o último pecado original da teoria da multidão: o seu ensaio brilhante de 1895 é de tal forma rico em sugestões e aforismos, plasmados numa prosa de aparência científica, que o debate posterior sobre o fenómeno multitudinário não deixa de voltar a ele, ainda hoje. Moscovici, na obra citada, pretendeu estabelecer a psicologia das multidões como ciência, a partir de Le Bon, do primeiro Tarde (Thiec e Tréanton, 1983) e de Freud, mas em especial a partir do primeiro. Estes pecados originais tiveram consequências negativas para a apreciação sociológica da multidão.

Em primeiro lugar, a teoria da multidão ficou francamente marcada por uma perspectiva histórica: são frequentes as obras de história da teoria da multidão, como se cada nova teorização necessitasse de libertar-se do fantasma de Le Bon.

Em segundo lugar, o tema multitudinário ficou prisioneiro da multidão política. Uma vez mais, Durkheim foi excepção, ao tratar da efervescência colectiva fora do âmbito político, nas *Formas Elementares* (2002), aliás, na sequência de algumas páginas, poucas, de Tarde (1992). Ainda hoje, obras científicas sobre a multidão mantêm o foco analítico na efervescência política (Borch, 2012).

Em terceiro lugar, a perspectiva psicologista da multidão levou a melhor e a sociologia não aproveitou a fecunda teorização de Durkheim. Deve dizer-se, entre parêntesis, que os sociólogos das primeiras gerações ficaram aprisionados pelo debate da perspectiva psicologista, o que não permitia considerar a multidão sociologicamente. Não admira que a segunda geração de teóricos da multidão quase a tivesse feito desaparecer, sob conceitos como massas e norma emergente (idem), nomeadamente no universo de investigação anglo-saxónico, onde as “crowds” tendem a confundir-se com “mobs”. Progressivamente, porém, as referências sociológicas à multidão libertaram-se da carga psicologista. Nos anos 60, novo passo: os académicos aderiram eles mesmos, enquanto cidadãos, à multidão, nas lutas pelos direitos civis e contra a guerra ou as guerras, o que os fez observar a multidão por outros prismas (Berk, 1974). Surgiram os primeiros trabalhos empíricos da multidão política, depois de um outro ramo de conhecimento os ter desenvolvido, relativo aos ataques de “pânico”, desastres e controlo das multidões (Drury e Stott, 2013).

Nas últimas décadas, a multidão tornou-se um tema em diversas disciplinas: na psicologia social, que mantém a liderança neste tema de investigação, na ciência de organização e gestão, nos estudos de relações internacionais e de segurança, nos estudos dos desastres, na criminologia (onde começou), no direito, na história e nos estudos literários e artísticos. Faz também parte dos estudos sobre os movimentos sociais, no

âmbito dos repertórios de acção ou enquanto manifestação (Tilly e Wood, 2009, Fillieule e Tartakowsky, 2008).

Todavia, não ganhou direito de cidade na ciência política (com excepção dos estudos sobre Maquiavel) e na sociologia. É um tema marginal, o que justifica que os manuais de sociologia ainda há poucos anos reflectissem generalizadamente a versão tremendista e leboniana da multidão (Torres, 2013).

Porquê esta desatenção da sociologia ao fenómeno multitudinário?

Além dos aspectos contextuais, históricos, já referidos, o próprio carácter da multidão parece justificar a sua não-inscrição no *mainstream* da sociologia. Procuremos razões.

Primeiro, é um acontecimento *efémero*, provavelmente o mais efémero dos fenómenos sociais. Isso dificulta o seu estudo empírico.

Segundo, a sua *transversalidade* social. Se a multidão popular primeiramente estudada pela teoria da multidão era consistente socialmente, a transversalidade não escapa aos primeiros teóricos, inquietados com a igualização do doutor e do operário nos fenómenos multitudinários.

Terceiro, a sua aproximação à *psicologia*, dada a evidência da efervescência e de comportamentos dos indivíduos diferentes dos de situações sociais não multitudinárias. A evidente carga emotiva dos indivíduos em multidão contrariava e inquietava o carácter vitoriano do burguês da mudança do século XIX-XX, mesmo que esse burguês fosse um teórico da multidão. As emoções chegaram tarde à sociologia. Depois de Durkheim (e de Charles Cooley), Norbert Elias estudou a construção social das emoções, mas só nos anos 70 o “estudo sociológico das emoções emergiu como sub-campo distinto no seio da disciplina” (Marshall 1998: 190). Também nesta matéria, e por maioria de razão, a psicologia se adiantou no estudo da “partilha social das emoções” (Goodwin et al, 2001, Williams, 2001, Rimé, 2009).

Quarto, a sua aparente *inconsequencialidade*. Apesar do seu comum aparato, a multidão parece não ter consequências para a vida colectiva e individual.

Vejamos em detalhe estas características do fenómeno multitudinário.

Quanto à *efemeridade*: a multidão é constante nas sociedades. Portanto, é um facto social que se concretiza (quase) sempre da mesma forma quanto à curta duração, (quase) uma pequena fracção do dia. A constância do efémero é, portanto, uma característica deste facto social. Sendo a multidão um dos fenómenos sociais mais repetidos, diacrónica e sincronicamente, a efemeridade não diminui a sua importância. Em qualquer dia do ano, há multidões reunidas em qualquer ponto do mundo, pelas mais variadas razões. Sendo efémera, a multidão é, enquanto pela repetição, um facto social permanente, tão ou mais permanente do que outros. Se uma multidão concreta é efémera, mais efémera que uma família, por exemplo, como facto social ela apresenta a mesma permanência. É, pois, um fenómeno marcado pela normalidade e não pela patologia social. Ao contrário de outros factos sociais, que se podem concretizar nos indivíduos isoladamente, a multidão só existe na reunião física de um colectivo, sendo por natureza social.

Quanto à *transversalidade* social: se para os primeiros teóricos tal carácter poderia ser inquietante, hoje não faz sentido. Aliás, a transversalidade acrescenta o interesse no fenómeno: porque é mais fácil a transversalidade social na multidão do que noutros fenómenos sociais? É essa transversalidade importante para a manutenção dos consensos sociais? A intuição indica-nos que sim.

Quanto à sua *aproximação à psicologia*: deixou de ser problemática para a sociologia. A separação das ciências humanas com campos próprios deveria ter tornado não problemático, para a sociologia, o comportamento psicológico dos indivíduos em multidão. A teorização balançou: da psicologização profunda do fenómeno colectivo para a individualização do comportamento de cada um na multidão (Drury e Stott, 2013); da racionalização do comportamento individual e colectivo para a aceitação da diferença da dimensão psicológica do comportamento em multidão (idem). Será de reflectir se nesta antítese que tanto marcou a teoria da multidão não estamos perante um falso problema para a sociologia: primeiro porque não há comportamentos individuais ou colectivos sem a presença da dimensão psicológica; depois, porque esta dimensão psicológica não preenche o interesse da multidão enquanto fenómeno sociológico.

Quanto à aparente *inconsequencialidade*: a multidão parece aos observadores desatentos não ter consequências sociais. No entanto, o bom senso aconselharia a considerar que, se a multidão fosse inconsequente, não existiria. Ela é vital: é uma prática derivada de crenças e que ao mesmo tempo as alimenta (Durkheim, 2002); altera o quotidiano social, de indivíduos e colectivos; tem a potência de alterar o rumo dos acontecimentos; é central em inúmeras áreas da vida, como a religião, os espectáculos e desportos, a vida comunitária comum, mais ainda do que na área da política; permite aos indivíduos ver-se, ouvir-se, tocar-se e sentir-se colectivamente; fornece ocasiões de comunidade aos indivíduos anómicos, livres mas solitários, da sociedade.

A multidão é, em suma, um facto social efémero, regular, constante e indispensável à sociedade. Ocorre em todas as áreas da vida colectiva: política, militar, religiosa, de lazer, cultural, desportiva. Manifesta-se quer em áreas de consenso, quer de dissensão. É de âmbito local, regional, nacional ou internacional. Proporciona momentos de catarse individual e colectiva. Permite à sociedade ver-se e ouvir-se, cobrando ao colectivo efervescente a capacidade de representação de colectivos mais amplos. Pode assumir o papel de ponto de viragem num movimento social, sendo a alavanca desbloqueadora de um impasse.

No século XXI, com o crescente empoderamento do indivíduo e o estremecimento dos sistemas representativos, os movimentos sociais ganharam nova dinâmica e visibilidade. Grande parte deles, devendo a sua existência à auto-referenciação numa posição de desvantagem, não prescindem do recurso à multidão. Deste modo, a multidão ganhou novo alento, novos recursos, nova capacidade mobilizadora, alargando o repertório de acção. Convém, porém, não esquecer que a multidão não é apenas política. As suas manifestações noutras áreas da vida são constantes e por vezes, da máxima importância no âmbito nacional e internacional: visitas papais, datas fixas nos santuários, provas desportivas, concertos, festivais, festas populares, etc. A efervescência própria da multidão está mesmo na base de iniciativas culturais, como a Festa da Música, e de iniciativas empresariais.

Na era da hipermediatização, seja ela através dos *media* tradicionais quer dos *media* alternativos, como a *Internet* e as comunicações móveis, a multidão faz parte — ou estará mesmo na origem — da *eventificação* do quotidiano: realizam-se diariamente eventos, quer dizer, ocasiões para a formação de colectivos potencialmente multitudinários. A hipermediatização, por outro lado, contribui para a normalização e naturalização da multidão no quotidiano e no horizonte de expectativas da vida colectiva, em qualquer domínio. O espaço público tende a confundir-se com um “ecrã público” (DeLuca e Peeples, 2002).

Gabriel Tarde, numa das suas brilhantes intuições sociológicas, considerou que a multidão é condição *sine qua non* da sociedade (1992). O seu adversário — por outras razões — Durkheim chegaria à mesma conclusão nas *Formas Elementares*.

Como facto social primordial, a sociologia deve inscrevê-la no âmbito dos seus estudos, Não para o isolar e separar da vida social “normal”, erro em que incorreram pelo menos duas gerações de teóricos, mas para o considerar a) no contexto e b) avaliar o seu real impacto individual e colectivo.

Deixamos aqui alguns temas de investigação futura:

- lugar da multidão na vida social dos indivíduos;
- a eventificação do quotidiano;
- lugar atribuído à multidão pelos movimentos sociais;
- o impacto social dos eventos multitudinários;
- o impacto da multidão nos *media* e dos *media* na multidão;
- avaliação do peso do número na multidão;
- categorização dos eventos multitudinários;
- verificação do impacto da multidão nas crenças.

Referências bibliográficas

- Berk, Richard (1974). A Gaming Approach to Crowd Behavior, *American Sociological Review*, 39, nº3: 355-273.
- Borch, Christian (2012). *The Politics of Crowds*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DeLuca, Kevin, Michael, e Jennifer Peeples (2002). From public sphere to public screen: democracy, activism, and the “violence”z of Seattle, *Critical Studies in Media Communication*, 19: 2, 125-151.
- Drury, John, e Clifford Stott (2013). *Crowds in the 21st Century. Perspectives from contemporary social science*. Londres: Routledge.
- Durkheim, Émile (2002). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Oeiras: Celta.
- Fillieule, Olivier, e Danielle Tartakowsky (2008). *La manifestation*. Paris: Sciences Po. Les Presses.
- Goodwin, Jeff, James M. Jasper e Francesca Poletta, eds. (2001). *Passionate Politics. Emotions and Social Movements*. Chicago e Londres: Chicago University Press.
- Moscovici, Serge (1981). *L'âge des foules*. Paris: Fayard.
- Rimé, Bernard. (2009). *Le partage social des émotions*. Paris: PUF.
- Tarde, Gabriel (1992). *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Thiec, Yves J., e Jean-René Tréanton (1983). La foule comme object de ‘science’, *Revue Française de Sociologie*, XXIV, 119-136.
- Tilly, Charles, e Lesley J. Wood (2009). *Social Movements. 1768-2008*. Boulder e Londres: Paradigm. 2ª ed.
- Torres, Eduardo Cintra (2013). *A Multidão e a Televisão. Representações contemporâneas da Efervescência colectiva*. Lisboa: UCE.
- Torres, Eduardo Cintra (In press). Durkheim’s Crowd Sociology Revisited, *Durkheimian Studies/Études Durkheimiennes*, Oxford, British Centre for Durkheimian Studies. Vol. 19, 3013.
- Williams, Simon (2001). *Emotion and Social Theory*. Londres: SAGE.